

A miragem da unidade histórica*

Sabina Loriga**

Resumo: O texto analisa a reflexão histórica de Siegfried Kracauer, em especial no que tange ao problema da relação entre o geral e o particular. Conclui que, para o autor, há uma relação de construção e de compreensão recíproca entre esses dois elementos.

Palavras-chave: Siegfried Kracauer – teoria da história – tempo – narrativa.

Não quero a harmonia, não a quero pelo amor que tenho à humanidade. Prefiro ficar com os sofrimentos não vingados e com minha indignação não pacificada, mesmo que eu me engane. No fim das contas, estimamos a harmonia cara demais, não está ao nosso alcance pagar tal preço pela entrada.

*Texto publicado originalmente como capítulo do livro “Siegfried Kracauer penseur de l’histoire”, dirigido por Philippe Despoix e Peter Schöttler, com a colaboração de Nia Perivolaropoulou (Paris / Quebec: Édition de la Maison des Sciences de l’Homme / Les Presses de l’Université Laval, 2006). Agradecemos a Philippe Despoix e à Editora da MSH por autorizarem a publicação em português e à autora por disponibilizar seu texto. Tradução de Maria Luiza Martini e revisão de Carla Brandalise, Temístocles Cezar e Benito Schmidt (todos professores do Departamento e do PPG em História da UFRGS).

** Maître de conférences na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris).

A miragem da unidade histórica

Eis porque me apresso em devolver meu ingresso. E por menos que eu seja um homem honesto, faz parte do meu dever devolvê-lo o mais cedo possível. É o que faço¹.

I

A reflexão histórica de Siegfried Kracauer é interessante em função do duplo movimento pelo qual ela demonstra que é possível escapar do empreendimento mortal da filosofia da história e daquele das ciências duras. Tal reflexão consegue assim se afastar a perder de vista de uma definição científica da história e confirmar, ao mesmo tempo, sua mais profunda confiança na possibilidade de conhecer o passado.

Kracauer destaca três características do universo histórico. Antes de tudo, esse é formado por fatos intrinsecamente contingentes, o que impede qualquer previsão; em conseqüência, torna-se difícil associá-lo ao princípio determinista. Em segundo lugar, ele é potencialmente infinito: foi gestado numa obscuridade longínqua e abre-se para um futuro ilimitado. Enfim, ele não possui sentido determinado. Suas características assemelham-se à natureza dos materiais de que é tecido.

Em outros termos, o conteúdo do mundo histórico remete à vida em sua plenitude, como nós a vivemos comumente, dia após dia. Para afirmar seus direitos, a história precisa aceitar ser suspensa em um nível muito mais baixo que aqueles das ciências da natureza, da filosofia da história ou da arte. A história não visa as coisas últimas, mas as coisas penúltimas, aquelas que surgem antes das definitivas. Ela ocupa um espaço médio, híbrido, que toca a vida cotidiana, marcada por aquilo que é precário, indeterminado e mutável:

Sabina Loriga

[as proposições] que inspiram nosso interesse pela realidade histórica [...] partilham seu caráter intrinsecamente provisório com o material que elas registram, exploram e penetram.²

A definição da história como espaço intermediário e híbrido implica um duplo movimento. Kracauer está convencido de que a história é narrativa (*story*), ou seja, um meio (*medium*) narrativo. Para ele, a narração não tem somente um valor ornamental (um livro de história bem escrito é mais bonito), tampouco tem simplesmente um valor de comunicação (um livro de história bem escrito é mais agradável de ser lido pelos não especialistas). A questão é mais importante. O historiador necessita da narração para restituir a qualidade épica do passado:

Porque ele reencontra inevitavelmente entidades irreduzíveis – unidades que, além de resultarem da conjunção de séries de eventos normalmente sem relações entre si, marcam a emergência de algo novo, algo que se situa mais além da jurisdição da natureza.³

Mas, ao mesmo tempo, Kracauer sublinha a natureza particular, *sui generis*, da narrativa histórica, porque ela está ligada à promessa de viver em um mundo de fatos reais. Como o fotógrafo, o historiador deve também respeitar certas restrições, a saber, ele deve guardar um equilíbrio estrito entre o realismo e a criatividade:

Ele não tem a liberdade do romancista ou do dramaturgo, de modificar ou de formar seu material segundo a sua vontade [...] A intuição espontânea do historiador não compromete o respeito que ele deve ter pelos documentos, mas reforça ao contrário sua absorção empática por eles⁴.

Daí a definição de um princípio estético fundamental: um meio expressivo atinge seu resultado máximo quando se apóia sobre sua natureza específica.

II

Kracauer não se deixa impressionar pela natureza precária e incerta do mundo histórico e, portanto, do conhecimento do passado. Pode-se mesmo dizer o inverso: ele não se sente atraído pela história *apesar* do seu caráter provisório, mas *em função* deste. Ele sublinha isso imediatamente na sua homenagem a Erasmo. Esse colocara sua esperança numa reforma da Igreja:

Mas, como sua aversão a fórmulas e receitas de conteúdo solidificado o levava a manter suas idéias em estado fluído, se assim se pode dizer, elas não se depositavam num programa institucionalizado e nem poderiam fazê-lo⁵.

Kracauer compartilha dessa desconfiança diante do que é definitivo e que conduz Erasmo a privilegiar uma correlação com a verdade. Ele igualmente teme as afirmações categóricas, o gesto que fixa os pensamentos definitivamente: “A verdade cessa de ser verdadeira tão logo se torna dogma”⁶.

No entanto, o destino precário do conhecimento não invalida a confiança que Kracauer tem na possibilidade de compreender o passado. Ele contesta a idéia segundo a qual o presente seria sempre e em qualquer circunstância a origem e o destino do historiador. Ele desmantela o lugar comum, partilhado por Benedetto Croce e por Robin G. Collingwood, que pretende que a história seja somente história contemporânea – um lugar comum que, infelizmente, desde então se difunde cada vez mais entre os historiadores. Certamente, ele sabe que o *meio* influi sobre nossa maneira

de olhar o passado, de interrogá-lo, e que temos a tendência de projetar sobre o passado as vicissitudes da atualidade; mas acredita que o historiador não é inevitavelmente um adepto fiel de seu tempo. Kracauer não pensa tampouco que o historiador aja de uma maneira automática, apenas colocando ao passado questões prontas (“prêtes à porter”):

O historiador – escreve ele – não é simplesmente o filho de seu tempo, no sentido de que seu ponto de vista poderia se definir em termos de influências contemporâneas. E sua concepção de passado não é tampouco, necessariamente, a expressão de um interesse pelo presente, de um pensamento do presente; ou mais exatamente, se assim o é, sua agressividade poderia levar o passado a se afastar dele ⁷.

O historiador faz-lhe lembrar Orfeu o qual, durante sua descida aos infernos, conduz os mortos à vida: será que os mortos escutarão suas fórmulas de encantamento e suas evocações? Se ele se volta para trás pelo temor de perdê-los, seguramente ele os perderá:

[mas] não é neste mesmo momento que ele se apossa deles pela primeira vez? – no momento em que eles se afastam para sempre, para dissolver-se numa história de sua própria criação?⁸

Ora, para além da comparação com Orfeu, uma coisa me parece verdadeiramente importante: no curso da descida e da subida, *algo se passa*: “Sua viagem não é um simples ir e vir”⁹. Ao retornar do passado, o historiador não é mais o mesmo, ele mudou sua *forma mentis* - como sublinhou Leo Strauss: “Ele faz uma viagem da qual não conhece o fim. O homem que reencontra as margens de sua época tem poucas chances de ser exatamente o mesmo que aquele que as deixou”¹⁰.

III

Mas se devemos evitar agredir o passado com nossos automatismos, se, como diz Marcel Proust, esse passado se revela somente àqueles que o deixam falar livremente, então, a viagem, este tipo de viagem, é possível mediante uma única condição: é preciso perder-se quase até a extinção, para depois se encontrar novamente. E assim sucessivamente através de um esforço contínuo para ultrapassar a si mesmo (sobre esse ponto, Kracauer está de acordo com Ranke contra Dilthey). Estrangeiro do ponto de vista cronológico, o historiador vive numa espécie de passividade ativa: para registrar e para criar, para recolher todos os dados pertinentes e desenvolver uma gama de interpretações, ele deve saber esperar, deixar-se impregnar. Robert Musil expressou muito bem esse estado de alma em seu *Diário*: habituar o olho à calma, à paciência, ao fato de *deixar as coisas virem a si*; repelir o julgamento, buscar circunscrever o caso particular e tomá-lo por todos os lados¹¹.

Através desse esforço para ultrapassar a si mesmo, o historiador se exila e se torna estrangeiro, tanto no passado como no presente. Seu espírito não está mais situado em nenhuma parte, ele não tem mais lugar, ele se torna fluido e dinâmico, porque ele “deixou de ‘pertencer’. Onde ele vive, então? No quase vazio da extraterritorialidade”.¹² É renunciando a uma pátria que o historiador pode encontrar o que não procurava. O que ele não procurava: a idéia histórica¹³. Esta não é produto do eu do historiador, mas “o resultado de um processo de seleção, onde o eu age como uma varinha mágica: é uma descoberta, não uma projeção para o exterior”¹⁴. Por essa razão, a empreitada é incerta e surpreendente e, por isso mesmo, suscita o encantamento junto ao historiador que a formula.

Contrariamente a outros tipos de idéias (aquelas da filosofia, por exemplo), a idéia histórica funda-se sobre a conexão. Ela não visa uma regra ou uma lei concernente a toda a realidade, mas busca ligar o particular ao geral do modo o mais complexo possível. Podemos defini-la como uma articulação onde o concreto e o abstrato se reencontram e se tornam uma única coisa.

IV

Kracauer toca assim em um segundo ponto extremamente importante para os historiadores, qual seja, a relação entre o geral e o particular. Parece-me que, para compreender a riqueza de sua reflexão sobre esse ponto, é preciso retornar brevemente sobre o problema da estrutura heterogênea do mundo histórico.

Sublinhei antes que, para Kracauer, o historiador está destinado a se tornar um estrangeiro, um exilado. Entretanto, o exílio não representa uma prerrogativa exclusiva do historiador. Talvez seja a essência da condição humana. Certamente, os grupos e as instituições que formam os bastidores de nossa existência social são tão rígidos, inertes e lentos que se assemelham a mamutes, e são tão possantes que ninguém pode escapar completamente de sua *espiral* centrípeta. Mas Kracauer insiste incessantemente sobre os limites da noção de pertencimento. Para ele, como para Wilhelm Dilthey, o mundo histórico não é compreensível em termos de pertencimento, e menos ainda em termos de propriedade ou de assimilação, porque o meio não é um conjunto coerente e auto-suficiente, mas uma frágil mistura de esforços mutantes e contrastantes:

Na medida em que o indivíduo “pertence”, uma grande parte do que ele é fica fora do campo de visão. O que não é desmentido pelo fato de que os membros de um partido

A miragem da unidade histórica

se devotam, frequentemente, de corpo e alma, à causa: o aderente passional expurga toda uma parte de suas possibilidades para completar totalmente seu papel¹⁵.

Da mesma forma que Dilthey, Kracauer invalida igualmente a noção de pertencimento temporal. Diversamente de seu amigo Joseph Roth, ele não crê no encanto da cronologia. Longe de ser um *medium* homogêneo, caracterizado por uma direção irreversível, o tempo do calendário lhe parece um recipiente vazio, indiferente, que leva consigo uma massa de eventos desconectados.

Se, paradoxalmente, essa corrente unidimensional deve ser concebida ao mesmo tempo como sendo e não sendo a portadora de todas as forças e de todos os desenvolvimentos históricos de importância¹⁶.

Em outros termos, cada época não é mais do que um conglomerado precário de tendências, de ambições e de atividades independentes umas das outras. Ela se compõe de acontecimentos incoerentes e desvinculados: alguns ignoram a existência de outros, outros aparecem em contraste, outros ainda parecem ser relativamente pouco influenciados pela *Zeitgeist* – por exemplo, os interiores das casas tão sobrecarregados da segunda metade do século XIX não combinam com os pensamentos desenvolvidos na mesma época¹⁷. Por essa razão, se o período é uma unidade, trata-se de uma unidade articulada, fluida e fundamentalmente indefinível. Ela pulula de anacronismos, de casos de extraterritorialidade cronológica, de *transbordamentos* temporais: os historiadores da arte sublinharam frequentemente que cada forma artística tem seu próprio quadro de velocidade, seu próprio ritmo, e que certos acontecimentos simultâneos pertencem a “idades”

Sabina Loriga

diferentes. Seria preciso, então, colocar no plural a expressão “a marcha do tempo” e falar de preferência da “marcha dos tempos”¹⁸.

De fato, o mundo histórico de Kracauer lembra a pequena sala de cinema de bairro, na época do cinema mudo, descrita em um artigo de 1930 e retomada em *Georg*, onde:

as imagens dos filmes eram acompanhadas pela música de um piano que, colocado muito próximo da tela devido ao espaço insuficiente, não permitia ao seu executor ver as imagens desfilando na tela. Seguia-se que a música se entregava às suas próprias impulsões, independente e completamente dessincronizada em relação às imagens. Mortes perpetravam-se na tela ao som de uma alegre valsa e cenas de amor se faziam acompanhar pelo ritmo cadenciado de uma marcha militar¹⁹.

Kracauer reconhece aqui e ali que cada época tem sua própria fisionomia. Ele fala igualmente de conexão íntima da história e retoma a convicção de Leopold von Ranke segundo a qual ninguém pode escapar a essa conexão, e que esta última engloba todo o mundo. Mas essas não são mais do que algumas passagens. No conjunto, *History* sublinha sobretudo as desconexões. À força de desvelar o caráter precário e conflituoso do mundo histórico, Kracauer termina por desacreditar a noção de período: esse deixa de ser uma unidade espacial e temporal, dotada de sentido, para ser percebido como um lugar de encontros ocasionais, do mesmo modo que uma sala de espera de estação ferroviária.

V

Como a estrutura do mundo histórico é irregular e heterogênea, a história geral torna-se um projeto sem sentido: “O passado é tecido de mudanças inexplicáveis e de grupos de acontecimentos

A miragem da unidade histórica

incoerentes que resistem obstinadamente ao gênero de racionalização” que não se pode integrar a uma forma geral²⁰. Para Kracauer, não existe unidade temporal. Isto não é mais do que uma miragem, que somente provas quiméricas confirmam. Mas é preciso saber que aceitamos seguidamente essas provas quiméricas, pois ninguém é imune ao “esplendor da magia”:

Lembro-me de estar, em minha juventude, completamente encantado por *Tonio Kroger*, de Thomas Mann, com sua nostalgia elegíaca, embora ridícula, pelos loiros de olhos azuis. De fato, este foi o caso de toda minha geração²¹.

Para atingir seus objetivos e para subsumir a documentação a um denominador comum, o historiador que visa uma história geral recorre a toda uma série de estratégias, de tal modo que ele esquece que “a ampla estrada do tempo cronológico é na realidade repleta de buracos e de calombos.”²² Ele domina a narração do passado com a segurança de um sonâmbulo; mas assim o fazendo, “aperta de tal modo os laços entre os elementos da narrativa que ela suprime todas as fissuras, as perdas, as falsas partidas, as incoerências”, como elementos perturbadores que ele procura atenuar²³. Em nome da história geral, mesmo certos historiadores “imaculados”, como Henri Pirenne e Leopold von Ranke (que jamais sonhariam em manipular os conteúdos do passado), curvaram-se a toda uma série de estratégias para conectar o que é desconectado: mais frequentemente graças a simples conjunções como “enquanto que”, “no momento em que”, etc., conjunções que não são muito confiáveis, mas que consolidam contextos ilusórios.²⁴

Esses estratégias desembocam sobre uma falsa paisagem:

Os leitores dóceis encontram-se assim sabiamente guiados através do Tempo [...] na mesma situação que essas caravanas de turistas em férias que encontramos por toda

Sabina Loriga

parte na Europa – para eles, nenhum caminho surpreendente, nenhuma oportunidade para se afastar dos itinerários fixados por suas respectivas agências de viagem²⁵.

VI

143

Kracauer, por outro lado, não está convencido da possibilidade de estudar as folhas em vez da árvore, como propõe Lewis Namier, que espera olhar o passado ao microscópio de modo a fixar os fatos sociais numa miríade de existências particulares e a integrá-las em seguida em conjuntos mais amplos. O objetivo de Namier é:

“to get acquainted with the lives of thousands of individuals, with an entire ant-heap, see its files stretch out in various directions, understand how they are connected and correlated, watch the individual ants, and yet never forget the ant-heap”²⁶

Kracauer também acredita que é preciso enfraquecer as visões padronizadas da realidade, mas pensa que a perspectiva microscópica está fundada sobre uma premissa errônea: porque “a realidade histórica não reside unicamente no detalhe, biográfico ou outro qualquer, mas ela se estende também na macro-dimensão”.²⁷ Os personagens das grandes histórias não são somente etiquetas postizas (como pensava Tolstoi). Há também os eventos de longa duração – as guerras, os movimentos sociais ou religiosos, etc. - definíveis como entidades tangíveis. Esses acontecimentos escapam ao micro-historiador, pois se desenvolvem nas regiões superiores²⁸. Em outros termos, há fenômenos de longo alcance – o problema da Reforma da Igreja ao longo do século XV,

por exemplo - que, malgrado seu elevado grau de generalidade, foram fenômenos vivos que é preciso estudar na sua dimensão macroscópica. Trata-se aí de um ponto importante: Kracauer não propõe estudar todo o passado através do microscópio, mas identificar a medida específica de cada fenômeno histórico. Deste ponto de vista, a referência mais pertinente para compreender *History* parece-me ser a reflexão de Johann Gottfried Herder concernente à “heterogeneidade das medidas”: cada fenômeno (social, cultural, estético) tem seu próprio centro de gravidade, contém sua própria medida interior, e deve ser avaliado em si mesmo e não através de uma unidade de medida absoluta.

Aliás, Kracauer não tem tampouco a idéia de conciliar a perspectiva microscópica com a geral. A sugestão de Arnold Toynbee de fundir a perspectiva do pássaro em vôo com aquela da mosca parece-lhe irrealizável, porque “em geral o pássaro engole a mosca”²⁹. Claro, Kracauer reconhece o caráter circular do conhecimento do passado. Porém, sublinha que a circularidade é regrada por dois princípios fundamentais. De um lado, a lei da perspectiva: isto é, que a análise macroscópica dissimula certos elementos “micro”. De outro lado, a lei dos níveis: a saber, que os outros elementos “micro”, estes que não são bloqueados pelos elementos “macro”, mudam de sentido.

VII

Muito crítico em relação à abordagem geral, perplexo quanto à microscópica, Kracauer parece propor-nos uma outra possibilidade: o conhecimento por elementos individuais, por entidades singulares. Em vez de entregar-se a sínteses inadequadas, é melhor, segundo ele, mergulhar sobre os grandes planos e neles perceber a realidade de maneira informal, sob a forma de percepções imediatas. Isto implica a necessidade de renunciar a conhecer o

passado na sua totalidade e aceitar atingir somente a fisionomia de alguns instantes. Dado que o mundo histórico é como uma visão afetada por uma catarata do tempo, repleto de vazios e curvas, a melhor coisa consiste em trabalhar sobre um número limitado de curvas.

Um dia, referindo-se a Walter Benjamin, Kracauer escreveu:

O passado é sua verdadeira matéria; para ele, o conhecimento emana das ruínas [...] Atrás das ruínas, não aparecem essências puras à luz do dia, mas pequenas partículas de matéria que reenviam a essências.³⁰

Sem dúvida, ele partilha com Benjamin a idéia segundo a qual “o conhecimento tem um caráter ‘monadológico’, visto que não pode formar-se senão a partir da observação dos detalhes, dos fragmentos, da recuperação de restos da história”.³¹ Através do conhecimento por elementos, Kracauer espera também apontar limites para nossas incertezas, construir uma espécie de parapeto contra o abismo do relativismo.

A reflexão historiográfica sobre a relação do particular com o geral enriquece aqui, com um sentido novo, a referência inicial a Erasmo. No começo de seu livro, Kracauer parte da necessidade de concórdia e de harmonia que caracteriza a vida e a obra de Erasmo; mas acaba por nos propor o elogio da desarmonia. Sob certos aspectos, o capítulo sobre Ahasvérus, o judeu errante, lembra uma passagem célebre dos *Irmãos Karamazov*, na qual Ivã reivindica o direito de ficar em seu estado de sofrimento, não vingado, e de descontentamento implacável, mesmo que não seja justo. Kracauer também, o “faxineiro estraga-festa” como Benjamin o chama, está sempre descontente. Ele não tem nenhuma intenção de pagar o bilhete para entrar no mundo harmonioso, feito de narrativas de sucesso, e prefere se consolar com as causas perdidas: “Na madrugada, resmungando, um pouco bêbado, [ele] anima

discursos com seu cabo de esfregões para, em seguida, jogá-los – tanto os esfregões como os discursos - no seu carrinho”.³²

Em suma, Kracauer não visa inserir o particular no geral. Segundo ele, não se deve pensar a relação entre os dois termos como uma relação hierárquica de subsunção, mas como uma antinomia fundamental da história. Ele não busca a representatividade, mas a dissonância. Ele aprecia os grandes planos por sua capacidade de resistir à paisagem geral: “Às vezes, aquilo que se encontra encoberto sob um imponente ‘ou bem... ou bem’ pode emergir de um resumo fortuito, escrito à margem de um grande plano”.³³ Podemos reconhecer um exemplo dessa resistência em *Intolerância* de David W. Griffith: o grande plano das mãos de Mae Marsh não representa somente um componente do relato, ele revela um novo aspecto da realidade física. Parece-me que Kracauer deseja igualmente alguma coisa semelhante na análise histórica: o uso do grande plano como contra-campo. Daí seu interesse por Sigmund Diamond que, quando integra grandes planos na história americana, não o faz para ilustrar suas teses gerais, mas, ao contrário, para mostrar realidades autônomas e contrastar as observações globais.

Essa concepção, que exalta as dissonâncias, resulta sem nenhuma dúvida do desejo de tirar do esquecimento as *possibilidades sem nome*, aquelas que ficaram abafadas sob o peso das doutrinas gerais. Mas creio que ela exprime também uma ligação muito forte com a idéia de começo absoluto. Talvez em razão de sua antiga sensibilidade teológica, Kracauer recusa-se a renunciar à esperança de que qualquer coisa de fato nova possa começar a cada momento.

VIII

Todas essas considerações de Kracauer parecem-me ser extremamente ricas, sobretudo hoje, em uma conjuntura historiográfica que nos leva a perguntar novamente sobre a relação entre o geral e o particular. De fato, nos últimos anos, certos estudos de micro-história permitiram quebrar as homogeneidades aparentes (por exemplo, a *instituição*, a *comunidade* ou o *grupo social*) e mostrar que o contexto histórico não é um conjunto homogêneo e coerente, que ele se parece mais com um tecido evolutivo de conexões ligando campos magnéticos de diferentes densidades.

Trata-se de um ponto extremamente importante, seja para a história, seja para a *polis*, pois ele evidencia toda a pobreza do conceito de *pertencimento*: o indivíduo, cada indivíduo, aparece como um *bastardo*, um ponto de cruzamento de diferentes experiências sociais. Mas este ponto causa vertigem. O trabalho de contextualização torna-se inesgotável: cada espaço e cada tempo remetem a um outro espaço e a um outro tempo. Eu me pergunto se, nesses últimos anos, nós fomos capazes de suportar essa sensação de vertigem. Tenho a impressão que procuramos mais seguidamente atenuá-la, talvez mesmo negá-la, até o ponto de compensá-la por duas utopias (Paul Ricoeur diria com duas formas de *hubris*)³⁴.

A primeira utopia, aquela da representatividade, promete descobrir um ponto que contém todas as qualidades do conjunto. Nessa perspectiva, o historiador deveria idealmente trabalhar em dois tempos: identificar antes de tudo o elemento representativo (no caso de um indivíduo, o camponês normal, a mulher normal, etc.) e depois estender, conforme um procedimento indutivo, suas qualidades a uma categoria inteira (a classe camponesa, o gênero feminino e assim por diante). Trata-se de uma opção importante, visando generalizar a partir do singular, mas que se traduz,

entretanto, numa pesquisa de experiências médias: o historiador escolhe os traços mais comuns de uma história (mais exatamente, aqueles que considera como os mais comuns) e negligencia os traços específicos.

A segunda utopia é de ordem naturalista. Essa perspectiva não promete encontrar um resumo, ou melhor, uma espécie de espelho resumido do conjunto histórico; mas ela vive na miragem de poder apreender uma época ou uma civilização reconstituindo seus elementos *um por um*, miragem de chegar a esgotar o trabalho prosopográfico e elaborar categorias interpretativas plenamente aderentes à realidade empírica. Trata-se de uma idéia do conhecimento como cópia integral da realidade³⁵.

Ora, Kracauer resistiu para não se ver prisioneiro dessas duas utopias. Sobretudo nos últimos anos de sua vida, recusou-se a eleger um ponto representativo pretensamente capaz de refletir o conjunto histórico (sua perspectiva foi ligeiramente diferente em seu livro sobre Offenbach). Ele promove repetidas vezes o caráter indireto, mediato, do conhecimento: “Ninguém hoje em dia - escreve ele - teria a idéia de considerar a câmara como um espelho”; e o que vale para a fotografia vale também para a história, porque “de fato, não há, absolutamente, nenhum espelho”³⁶. Mas ele igualmente evitou a via naturalista. Toda sua reflexão exclui a possibilidade de esgotar o passado, de estudá-lo em todos os seus detalhes, de descobrir a *verdade do tempo passado* através de uma espécie de pontilhismo histórico. Uma das razões que fundamentam o postulado de uma afinidade entre a história e a fotografia consiste justamente no fato de que todas as duas têm uma natureza inacabada:

Um verdadeiro fotógrafo bane toda noção de completude. Seu enquadramento marca um limite provisório; seu conteúdo visa algo além do enquadramento, referindo-se a uma multiplicidade de fenômenos da vida real que é impossível de abarcar em sua integralidade³⁷.

IX

Mas o que significa uma compreensão e uma narração do passado por elementos? Kracauer teria seguramente aprofundado mais esse problema se tivesse tido tempo. Infelizmente, podemos apenas imaginar um tal tratamento da questão. Sabemos que ele censurou repetidas vezes aos historiadores suas deficiências em estética: a inclinação para a harmonização da historiografia parece-lhe contrastar com as tentativas da arte literária moderna – sobretudo a de James Joyce, de Marcel Proust e de Virginia Woolf – de decompor “resolutamente a continuidade (imaginária) no tempo”.³⁸

Pensando em sua reflexão sobre a estrutura heterogênea do tempo, apercebo-me que a paisagem proposta por Kracauer lembra certas fotos de André Kertész. Como em *New York* (1965) onde, no interior do mesmo quadro, há objetos singulares que não são necessariamente ligados entre si: um carro, um par de motos, algumas cadeiras, mesas e arbustos cobertos de neve...

A via proposta por Kracauer, supondo que seja esta, é extremamente sedutora. Mas será verdadeiramente indicada para fazer uma estadia no passado? Eu não estou convencida. Talvez uma anedota possa ajudar a justificar minha perplexidade. Em 1929, August Sander publicou uma seleção de sessenta retratos tirados de *Homens do século XX*, sob o título *Face de uma Época*, sem divulgar os nomes próprios. Alfred Döblin, escritor e psiquiatra, que publicara no mesmo ano *Berlin Alexanderplatz*, escreveu uma introdução entusiástica. Depois, dezessete anos mais tarde, ele submeteu-se a um pequeno jogo: vários retratos de pintores célebres, realizados por Hugo Erfurth, foram-lhes confiados. Ele não reconheceu nenhum: Oscar Kokoschka lhe pareceu um ativista político; Paul Klee, um menino mimado; Max Slevogt, um velho coletor de impostos consumido pelo tédio; Max Beckmann, um procurador corrompido.³⁹ Kracauer conhecia, sem dúvida, a anedota. Em

um artigo sobre a fotografia, ele reconhece que para que uma foto possa nos falar, devemos conhecer a história que se esconde atrás dos indivíduos ou das paisagens fixadas na imagem⁴⁰.

Não se passa a mesma coisa para a história? É possível verdadeiramente ler e compreender os objetos do passado de uma maneira singular, enquanto elementos singulares? Pode-se renunciar à conexão, a isso que o próprio Kracauer considera como *o gesto* específico por excelência do historiador? De que forma podemos renunciar a ele, se, como podemos justamente ler em *History*, cada elemento singular não é uma unidade histórica mínima, mas um macrocosmo inesgotável? Parece-me que, também no que concerne ao deciframento do passado, o saber geral somente pode ser edificado a partir da compreensão de elementos singulares. Todavia, esses elementos estão longe de se oferecer a uma leitura direta: o entendimento integral do particular supõe sempre o conhecimento do geral sob o qual ele é compreendido. Entre os dois elementos – o singular e o geral – há uma relação de construção e de compreensão recíproca.

Tradução.

Autora convidada.

Culture and representations: “The mirage of historical unity”

Abstract: This text deals with Siegfried Kracauer’s reflection on history, especially as for the problem of relation between general and particular. As a conclusion, there is for the author a relation of mutual construction and understanding between these elements.

Key-words: Siegfried Kracauer – theory of history – time – narrative.

Notas

¹ Dostoievski, Fédor. *Les Frères Karamazov*, 2ª parte (livro V, “Pro e contra”). Trad. Elisabeth Gurtik. Paris: Ed. Fernand Hazan, 1947. p. 31. Em uma das edições

brasileiras da obra, consta a seguinte tradução do trecho citado: “Por amor pela humanidade é que não quero essa harmonia. Prefiro conservar meus sofrimentos não redimidos e minha indignação persistente, mesmo se não tivesse razão! Aliás, deram realce excessivo a essa harmonia, a entrada custa demasiado caro para nós. Prefiro entregar meu bilhete de entrada. Como homem de bem, tenho mesmo obrigação de devolvê-lo o mais cedo possível. É o que faço”. Dostoiévski, Fiódor M. *Os irmãos Karamázovi*. São Paulo: Nova Cultural, 1995 (Licença de tradução concedida por Enrico Corcisieri). p. 202.

² Kracauer, Siegfried. *History. The Last Thing Before the Last*. Princeton: Markus Wiener Publisher, 1995. p. 191. Em francês: *L'Histoire. Des avant-dernières choses*. Trad. Claude Orsoni. Paris: Stock, 2006. p. 263.

³ *Ibid.*, p. 32, trad., p. 88.

⁴ *Ibid.*, p. 55 sq., trad., p. 115.

⁵ *Ibid.*, p. 11, trad., p. 64.

⁶ *Ibid.*, p. 10, trad., p. 63.

⁷ *Ibid.*, p. 79, trad., p. 139.

⁸ *Ibid.*, p. 79, trad., p. 140.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ *Ibid.*, p. 91, trad., p. 153.

¹¹ Cf. Musil, Robert. *Tagebücher*. ed. por Adolf Frisé. Hamburgo: Rowolt Verlag, 1976. vol. 2, p. 34.

¹² Kracauer, S. *History*, op. cit, p. 83, trad. p. 145.

¹³ Cf. Lovejoy, Arthur O. Present Standpoint and Past History. *The Journal of Philosophy*, vol. 36, n. 18, p. 477-89, Agosto 1939.

¹⁴ Kracauer, S. *History*, op. cit., p. 102 sq., trad., p. 165.

¹⁵ *Ibid.*, p. 22 sq., trad., p. 77.

¹⁶ *Ibid.*, p. 38, trad., p. 94.

¹⁷ *Ibid.*, p. 147, trad., p. 214.

¹⁸ *Ibid.*, p. 149, trad., p. 216.

¹⁹ Citado em Traverso, Enzo. *Siegfried Kracauer. Itinéraire d'un intellectuel nomade*. Paris: La Découverte, 1994. p. 103 sq.

²⁰ Kracauer. *History*, op. cit., p. 175, trad., p. 245.

²¹ *Ibid.*, p. 173 sq., trad., p. 243 sq.

²² *Ibid.*, p. 168, trad., p. 237

²³ *Ibid.*, p. 170, trad., p. 239

²⁴ *Ibid.*, p. 173 sq. trad., p. 243

²⁵ *Ibid.*, p. 179, trad., p. 249.

²⁶ Namier, Lewis. The biography of Ordinary Men. In: *Skycrapers and other Essays* (1931). New York: Books for Libraries Press, 1968. p. 46 sq. Em inglês no original. Tradução Marília Marques Lopes: “conhecer a vida de milhares de indivíduos, de

A miragem da unidade histórica

todo um formigueiro, ver suas fileiras se dividirem em várias direções, entender como eles são ligados e correlacionados, observar as formigas individualmente, e mesmo assim nunca esquecer do formigueiro”.

²⁷ Krakauer, S. *History*, op. cit., p. 114, trad., p. 178.

²⁸ *Ibid.*, p. 115, trad., p. 179.

²⁹ *Ibid.*, p. 128, trad., p. 193.

³⁰ Krakauer, S. Zu den Schriften Walter Benjamin. In: *Schriften*, t. v, vol 2, p. 123, citado em Traverso, E. *Siegfried Krakauer*, op. cit., p. 83 sq.

³¹ *Ibid.*

³² Benjamin, Walter. Un outsider attire l'attention (1930). In: Krakauer, S. *Les employés. Aperçus de l'Allemagne nouvelle*. Ed. por Nia Perivolaropoulou, trad. Claude Orsoni, 2ª ed. Paris: Ed de la Maison des Sciences de l'Homme, 2004. p. 144.

³³ Krakauer, S. *History*, op. cit., p. 216, trad., p. 290.

³⁴ Cf. Ricoeur, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Ed. du Seuil, 2000.

³⁵ Cf. Loriga, Sabina. Ser historiador hoje. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, UPF, p. 21-35, julho 2003.

³⁶ Krakauer, S. *History*, op. cit., p. 52., trad., p. 110.

³⁷ *Ibid.*, p. 58 sq., trad., p. 118.

³⁸ *Ibid.*, p. 182, trad., p. 253.

³⁹ Cf. Lugon, Olivier. *Le style documentaire. D'Auguste Sander à Walker Evans. 1920-1945*. Paris: Macula, 2001 (épilogue).

⁴⁰ Cf. Krakauer, S. La photographie. In: *Le voyage et la danse. Figures de ville et vues de films*. Ed. por Philippe Despoix, trad. Sabine Cornille. Saint Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1996. p. 42 sq.